

## Jeca: Um Espelho do Descaso

Diego Roque<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo procura analisar a representação social atribuída ao sertanejo durante o início do século XX, evidenciando na obra de Monteiro Lobato (mais precisamente no artigo “Velhas Pragas”), a representação do homem do campo através da personagem “Jeca Tatu”. O escritor Monteiro Lobato expõe através desta personagem, a gente da roça, na tentativa de construção de uma identidade genuinamente brasileira. Por sabermos que a literatura é associada com a realidade social, nota-se no contexto histórico, as violentas relações de poder nas quais muitas culturas são silenciadas.

**Palavras-chave:** Identidade, Jeca Tatu, Representação Social

**Abstract:** This article aims to analyse the social representation assigned to the countryman during the beginning of the 20<sup>th</sup> century, showing in Monteiro Lobato's work (more precisely in the article “Velhas Pragas”), the representation of the countryman through the character “Jeca Tatu”. The writer Monteiro Lobato exposes through this character, the people from the country in an attempt to build a genuine Brazilian identity. For the reason that literature is associated with the social reality, we can realize in the historical context, the violent power relations in which many cultures are silenced.

**Palavras chave:** Identity, Jeca Tatu, Social Representation

### Introdução

No início do século XX temos uma nova problemática social no Brasil, a do caboclo, que costumava sair de uma terra para outra quando não podia mais usufruir dela, fazendo o próprio plantio para sobreviver. No entanto os grandes fazendeiros condenavam essas práticas e consideravam o caboclo um homem inútil, incapaz de progredir, pois este não tinha conhecimento

<sup>1</sup> Centro Universitário Cenecista de Osório – UNICNEC.

agrícola. Monteiro Lobato, como fazendeiro da cidade de Taubaté, fazia uso das modernidades agrícolas para o plantio do milho e do feijão e mostrava-se incomodado com as práticas dos pequenos agricultores. É neste contexto que Lobato cria a personagem Jeca Tatu, como símbolo do homem do interior, preguiçoso, pobre e doente, sendo um empecilho para produção agrícola. Segundo o autor, o trabalhador rural não se apegava à terra, usa práticas arcaicas de fertilização do solo, a exemplo do fogo, e é sempre um ser doente, que degenera a raça brasileira e, portanto, é visto como atraso ao progresso.

### **Jeca Tatu, Sertão e a Identidade Nacional**

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beijo, uma existe a vegetar de côcoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.  
(LOBATO, 1918, p.2)

Toda a caracterização que Lobato faz do caipira brasileiro é reunida em sua principal personagem: “Jeca Tatu”, que aparece no conto “*Urupês*”, homônimo à obra. Jeca representa toda a miséria e atraso econômico do país, além do descaso do governo em relação ao Brasil rural. Jeca Tatu foi caracterizado por Monteiro Lobato como um homem desleixado, sempre de pés descalços e que mantinha uma pequena plantação apenas para subsistência. Sem nenhum tipo de educação e cultura, Jeca Tatu era um homem ingênuo e repleto de credulidades. Por fim, era visto pelas pessoas como alcoólatra e preguiçoso. Porém, como afirma Monteiro Lobato, “Jeca Tatu não é assim, ele está assim”, percebe-se através do texto que Jeca é uma vítima do descaso do governo.

A temática do sertão serviu para os intelectuais nacionalistas lançarem uma crítica à cultura de importação. Além de Monteiro Lobato, nomes como

Euclides da Cunha e Oliveira Viana acreditavam que a “verdadeira” personalidade do país deveria ser dirigida para o interior, onde estava o povo brasileiro. Lobato dizia que “é lá que está o verdadeiro Brasil e não nas cidades do litoral, já diluídas em cultura estrangeira, invadidas pela imigração” (LOBATO, 1961: 275). Com essa ideia, registra nas páginas de *Urupês*:

O Brasil não era um São Paulo, enxerto do garfo italiano, nem o Rio artificial de português. O Brasil está no interior, onde o sertanejo vestido de couro vasqueja nas coxilhas onde se domam potros. Está nas caatingas estorricadas pela seca, onde o bondiorno cria dramas, angústias e dores intermináveis à gente litorânea. (LOBATO, 1961: 275)

Assim, o sertão, representado pelo espaço da miséria, da violência, das práticas políticas dos coronéis, aparece como um lugar onde a nacionalidade se esconde, estando livre das influências estrangeiras, enquanto o litoral é apresentado como sinônimo de inautenticidade.

### **Urupês e a “Velha Praga”**

A obra “Urupês” foi lançada em 1918, reunindo catorze contos escritos por Monteiro Lobato. Segundo o prefácio da segunda edição do livro, a obra surgiu do polêmico artigo “Velha Praga”, publicado no jornal O Estado de São Paulo no ano de 1914. Neste artigo, escrito durante a primeira guerra mundial, Lobato critica a figura do caipira brasileiro, chamando a atenção para o interior, em especial para as queimadas na serra da Mantiqueira. A partir da segunda edição “Velha Praga” viria a ser um dos contos que compõem a obra. Assim Lobato inicia seu artigo:

Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o jogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico. (LOBATO, 1914)

O autor descreve o caipira como “piolho da terra”, responsabilizando-o pelas queimadas:

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro [...] pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada. (LOBATO,1914)

Em outro trecho Lobato faz uma descrição mais detalhada do que chama de “parasita da terra”:

Este funesto parasita da terra é o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encosorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se. (LOBATO, 1914)

Lobato também crítica o cidadão “civilizado” que no seu entender estava mais preocupado com o andamento da guerra do que com o próprio país:

[...] mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas (...). Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma [...] (LOBATO,1914)

“*Urupês*” trouxe também uma série de inovações ligadas à linguagem. Lobato buscou reproduzir nos seus textos a riqueza da fala da zona rural brasileira, com seus coloquialismos tipicamente orais, como neste trecho do conto “*A Colcha de Retalhos*”:

- *Está seu Zé?*

- *Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.* (LOBATO, 1918, p.2)

Esta característica que até então era tida como “inferior” e sem valor literário, fez com que o autor fosse considerado ousado pela crítica literária da época.

## Monteiro Lobato – a história de vida do escritor

Monteiro Lobato, nascido em 18 de Abril de 1882, na cidade de Taubaté, interior do estado de São Paulo, foi um escritor de grande destaque no cenário da literatura nacional, incluído no período que precede a Semana de Arte Moderna, intitulado pré-modernismo.

Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato, o escritor foi alfabetizado por sua mãe e desenvolveu desde cedo o gosto pela leitura, indo estudar na cidade de São Paulo ainda criança, com 13 anos, no Instituto de Ciências e Letras, onde pode se preparar para o curso de Direito, no qual posteriormente iria ingressar.

Aos 16 anos, Monteiro Lobato perdeu seu pai, e com a intenção de utilizar a bengala deixada por ele, na qual estavam gravadas as próprias iniciais J.B.M.L., resolveu fazer uma alteração em seu nome de registro, deixando de se chamar José Roberto Monteiro Lobato, e passando a se chamar José Bento Monteiro Lobato, de modo a repetir as iniciais de seu pai.

Em 1904, Lobato graduou-se pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital Paulista. No mesmo ano voltou para Taubaté, para prestar concurso para a Promotoria Pública, assumindo o cargo de promotor em 1907, na cidade de Areias-SP.

Em 28 de março de 1908, Lobato casa-se com Maria Pureza da Natividade, com quem teve quatro filhos, Marta (1909), Edgar (1910), Guilherme (1912) e Rute (1916), já em 1911 volta para Taubaté, para viver em uma fazenda deixada como herança pelo seu avô, fazenda esta que é vendida em 1917, quando Lobato vai morar em Caçapava, onde funda a revista “Paraíba”, tendo colaboradores de renome como Olavo Bilac, Coelho Neto e Cassiano Ricardo. No mesmo ano muda-se novamente para a cidade de São Paulo, onde colabora para a “Revista do Brasil”, a qual posteriormente seria dono e editor.

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 25-33**

Ainda em 1917, mais precisamente no dia 20 de dezembro, Lobato publica no jornal O Estado de São Paulo, o famoso artigo “Paranoia ou Mistificação?” em que faz duras críticas a exposição da pintora Anita Malfatti, que voltava da Europa trazendo características modernas em suas obras. Estava gerada a polêmica em torno desta face considerada conservadora e por vezes racista, como na obra “*Caçadas de Pedrinho*”, publicada em 1933, em que aparecem trechos como: “É guerra e das boas, não vai escapar ninguém, nem tia Anastácia, que tem cara preta”.

Monteiro Lobato morreu no dia 5 de Julho de 1948, devido a complicações cardíacas, deixando uma vasta obra, principalmente no ramo da literatura infantil, como as histórias do “*Sítio do Picapau Amarelo*”, e seus habitantes, Emília, Dona Benta, Pedrinho, Tia Anastácia, Narizinho, Rabicó e tantos outros, nas quais mistura a realidade e a fantasia, em uma linguagem coloquial e acessível.

### **Pré-Modernismo**

A obra do escritor Monteiro Lobato é enquadrada pelos estudiosos de literatura como pré-modernista, período no qual os escritores iniciaram uma ruptura com o parnasianismo, buscando uma linguagem mais próxima da realidade, de modo a retratar a vida das figuras mais marginalizadas da sociedade, como o sertanejo e os imigrantes, que eram os “novos escravos”, expondo seus mais diversos problemas, porém este período não pode ser caracterizado como movimento literário, uma vez que os autores não seguiam uma determinada tendência ou estilo nas suas obras.

As obras que marcaram o início desta ruptura foram “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha, que retratou a Revolta de Canudos, e “*Canaã*”, na qual Graça Aranha documenta a imigração alemã no estado do Espírito Santo, ambas

**Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 25-33**

escritas em 1902. Monteiro Lobato aparece em 1919 com a obra “*Cidades Mortas*” na qual descreve a miséria dos caboclos nos vilarejos do Vale do Paraíba Paulista.

## Contexto Histórico

No período denominado como Pré-modernista, prevaleceu a política do café com leite, marcada pela posse do primeiro presidente civil do país, o paulista Prudente de Moraes, no ano de 1894. Nesta república, a grande produção de café no estado de São Paulo, aliada à intensa produção de leite no estado de Minas Gerais, fazia com que o poder político-econômico do país ficasse concentrado nas mãos de grandes cafeicultores e pecuaristas, o que acabou gerando um aumento das classes sociais inferiores, além de uma terrível crise na região Nordeste, que tinha sua economia baseada na cana-de-açúcar, e já não podia mais competir com a ascensão dos grandes produtores do Sudeste. Esta crise deu origem a diversos conflitos sociais, como a Revolta de Canudos, relatada na obra “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, na qual uma comunidade do sertão baiano, liderada por um religioso que pregava contra o sistema vigente, era vista como uma ameaça pelo governo, o que gerou uma guerra que durou quase um ano, deixando milhares de mortos.

Em Novembro de 1904, o Rio de Janeiro também viveu seus momentos de tensão, a campanha pela vacina obrigatória contra a varíola se dava de modo puramente autoritário, inclusive com invasões às residências nas quais os moradores se recusavam a receber os agentes de saúde, o que acabou revoltando a população. Os resultados foram 30 mortes, quase mil presos, além de bondes queimados e muito tumulto.

Esta frase do jornal “*A Tribuna*” relata bem o que acontecia na época:

*“O povo não é carneiro. De vez em quando, é bom a negrada saber morrer como homem. Tem que mostrar ao governo que ele não põe o pé no pescoço do povo”. (1904)*

Também vale lembrar que, nesta época, surgiram as primeiras favelas, e com elas novos problemas sociais, o que mostra que mesmo com a abolição da escravatura, o povo negro continuava a ser estigmatizado. Por outro lado, as crises pelas quais Itália e Alemanha vinham passando, favoreceram os grandes fazendeiros, que traziam os desempregados para suprir a mão de obra escrava, dando-lhes péssimas condições de vida, o que gerou muitas revoltas por parte dos imigrantes. Além desta problemática, os constantes movimentos grevistas e o início da Primeira Guerra Mundial no ano de 1914 vieram reforçar o clima de tensão pelo qual o país passava.

## Considerações Finais

Com base nos dados apresentados, nota-se o descaso total para com o homem da roça, que tem sua cultura e seu papel social estigmatizado por uma sociedade que valoriza apenas a modernização e produtividade no campo, fazendo com que as riquezas fiquem concentradas nas mãos de uma minoria exploradora, que deixa o caipira à mercê dos mais diversos problemas sociais, como o analfabetismo e o não acesso à moradia. Por fim, destacamos a importância de se discutir a identificação do sertão como um atributo da nacionalidade que se desenvolveu de modo desigual entre os grupos sociais e as regiões do país.

## Referências:

E-Biografias. Biografia de Monteiro Lobato. Disponível em <[http://www.e-biografias.net/monteiro\\_lobato/](http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/)>. Último acesso em 29 de Maio de 2016

Ministério da Saúde. Cronologia da Revolta da Vacina. Disponível em <<http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/revolta2.html>>. Último acesso em 29 de Maio de 2016

NILC. *Pré-Modernismo*. Disponível em <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/pr..modernismo1.htm>>. Último acesso em 29 de Maio de 2016.

LEMAD. *Velha Praga*. Disponível em <<http://lemad.fflch.usp.br/node/334>>. Último acesso em 13 de Junho de 2016.

Guia do Estudante. *Urupês*. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/literatura/urupes-resumo-analise-obra-monteiro-lobato-703827.shtml>>. Último acesso em 13 de Junho de 2016.

COC, Minas. *A Colcha de Retalhos*. Disponível em <<http://www.cocminas.com.br/arquivos/file/A%20colcha%20de%20retalhos.pdf>>. Último acesso em 13 de Junho de 201.

PROEC, UFG, *Uma Resposta Alternativa à Educação do Meio Rural*. Disponível em <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/agro/V11\\_imagem.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/V11_imagem.html)>. Último acesso em 13 de Junho de 2016.

DOC, Google. *Urupês*. Disponível em <[https://docs.google.com/document/d/13tDIVuv0MMd71DeCf9FVI0AYeulMrFXh\\_XhSSEPWT9Y/edit?hl=pt\\_BR&pref=2&pli=1](https://docs.google.com/document/d/13tDIVuv0MMd71DeCf9FVI0AYeulMrFXh_XhSSEPWT9Y/edit?hl=pt_BR&pref=2&pli=1)>. Último acesso em 13 de Junho de 2016.